

A Escolha é Sua

Como Tomar Decisões Éticas

James W. Walters

Nossa igreja está enfrentando uma bênção contraditória—um número cada vez mais elevado de pessoas cultas.

O Movimento Adventista foi criado por pioneiros inteligentes e dedicados, embora poucos fossem cultos. Eles enfatizavam todavia o valor da educação, e atualmente a Igreja Adventista nos Estados Unidos se vangloria de possuir uma irmandade cujo índice de diplomados universitários é, per capita, duas vezes mais elevado que o da população geral. Através do mundo, milhares de jovens adventistas estão matriculados em cursos universitários tanto em colégios adventistas como em instituições públicas.

O membro adventista culto torna-se uma bênção por estar ele/ela habilitado a prestar uma contribuição positiva à igreja, tanto como líder quanto como membro. Por outro lado, sendo que no passado a igreja não teve um elevado índice de membros cultos, muitas praxes, regulamentos e práticas nunca foram submetidas ao escrutínio que tais membros exigem, o que representa um desafio para a igreja.

A despeito dos problemas que possam surgir com um contingente elevado de membros cultos, o balanço final é sempre positivo. A Igreja sempre ensinou que cada pessoa foi criada segundo a imagem de Deus, com o "poder para pensar e realizar". A igreja sempre defendeu que a verdadeira educação consiste no desenvolvimento total da pessoa—incluindo o aspecto intelectual. Se a igreja experimenta qualquer desconforto causado pela presença de membros cultos em seu seio, ela será semelhante aos ajustamentos experimentados pelo organismo adolescente, até que a igreja, o corpo místico de

Cristo, amadureça, social e espiritualmente como é o intento de Deus.

É minha firme convicção de que nossa igreja—dedicada desde o seu início à busca da verdade a qualquer custo—deve não somente apoiar mas orgulhar-se da comunidade mundial de pessoas e profissionais cultos e altamente educados.

Tomando Decisões

Deus não somente espera mas requer que usemos nosso intelecto. Ao tomarmos decisões éticas, o uso judicioso do intelecto é mais importante do que em qualquer outra área. Tais decisões surgem quando uma pessoa enfrenta um dilema moral—um conflito entre deveres e princípios aparentemente incompatíveis. Milhares de pequenos e grandes conflitos desta ordem surgem quando o estudante adventista entra numa sala de aula de uma instituição não-adventista, ou quando o profissional adventista enfrenta o mercado de trabalho.

Como deve o profissional educado tomar importantes decisões religiosas e morais? Os adventistas nos Estados Unidos, algumas décadas atrás, quando confrontados com decisões éticas, iniciavam a busca de soluções consultando o volumoso *Index to the Writings of Ellen G. White* ou investigando uma concordância bíblica. Se uma citação clara da irmã White pudesse ser encontrada ou um "assim diz o Senhor" localizado, a busca estava terminada. Hoje, todavia, com o nosso conhecimento mais aprofundado da revelação divina,² e com o avanço da ciência e da tecnologia, especialmente no campo biológico e médico, as decisões éticas tornaram-se mais complexas.

Não há dúvidas de que a revelação divina permanece fundamental. Em vista dos acontecimentos atuais é imperativo que se mantenha um estudo judicioso da Bíblia e uma utilização correta dos escritos de Ellen G. White. Mais do que nunca devemos utilizar essas fontes sagradas com reverência, orando para que Deus sensibilize os nossos corações e ilumine nossas mentes. Todavia, após ter estudado essas fontes inspiradas, poderemos obter outras luzes de alguns modelos da ética cristã. Há quatro modelos muito úteis: (a) ética de virtude; (b) ética de princípios; (c) ética de autoridade, e (d) ética de situação.³ Esses modelos não substituem a verdade "revelada"; ao contrário, eles pressupõem que tais verdades existem. Esses modelos são aqui apresentados como uma lente através da qual o crente culto pode obter uma visão mais ampla dos elementos envolvidos na decisão. Cada modelo tem um papel a desempenhar ao se tomar uma decisão, embora o modelo "favorito" da pessoa torna-se o indicador básico para determinar em que direção essa decisão será tomada.

Quatro Modelos

Ética de Virtude. O ponto focal deste modelo é o caráter da pessoa. A ênfase é posta mais em ser do que em fazer—em ser uma pessoa correta mais do que agir corretamente.

Num certo sentido, este é o modelo básico. Ele focaliza a parte essencial da pessoa—base para todas as boas ações. A ética de caráter será o critério básico para o juízo divino. Só Deus pode ler o coração, e são os motivos do coração que contam. Na análise final, a questão não será

se alguém viveu uma vida perfeita, mas se alguém *teve a intenção* de fazer o que era justo.

É lógico que a ética de virtude prima sobre outros modelos no processo da decisão. A motivação que alguém tem para viver uma vida moral vem do interior. Mesmo se regras que governam a vida individual de alguém sejam válidas, nunca haverá suficiente regras para fazer face a cada situação. É por causa do caráter, algo muito mais valioso que regras, que as lacunas das regras podem ser totalmente preenchidas.

A Bíblia sublinha a importância do caráter. Em Gálatas 5 encontra-se um impressionante catálogo de traços de caráter—amor, gozo, paz, longanimidade, bondade, mansidão, etc. Será que esta lista de traços de caráter é inferior aos Dez Mandamentos? Tal não deveria ser. Um aspecto não exclui o outro, assim como a fé não exclui as obras. Assim como a fé precede as obras, assim o Espírito precede a lei. A observação de *qualquer* mandamento é ditada pelo caráter da pessoa.

Através da história, pensadores enfatizaram a importância da virtude básica. Os antigos gregos sublinhavam quatro virtudes principais — a sabedoria, a coragem, a temperança e a justiça. O apóstolo Paulo afirmou que mesmo que o cristão produza boas ações, se seus atos não forem movidos por amor, eles não têm valor.

A despeito da importância das virtudes ou traços de caráter, as virtudes éticas têm suas limitações. A percepção e definição de amor e bondade variam grandemente de uma pessoa para outra. Uma pessoa egoísta crê estar agindo com as melhores intenções, quando na realidade está enganando a si mesma. Numa sociedade pluralística, a ética de virtude, a despeito dos seus múltiplos benefícios, ainda é muito subjetiva.

Ética de Princípio. Como mencionamos acima, só Deus pode sondar o coração. As intenções são de tal importância, que elas formam a base do juízo final de Deus.⁴ Todavia, em nossa vida de membros da igreja e de cidadãos, as intenções não são suficientes. Por isso necessitamos

de regras. A despeito das intenções de uma pessoa, algumas regras básicas da sociedade devem ser observadas, caso contrário sofre-se as consequências. A ética de princípio põe a ênfase no *fazer* aquilo que é certo, independente da motivação.

É impossível administrar uma sociedade ou organização sem regras básicas. Por exemplo, cada país de-



signa o lado da estrada que deve ser usado pelos carros, pouco importa o que alguém pense sobre o assunto. Num contexto profissional, como o da medicina, por exemplo, devem existir regras de conduta. É absolutamente necessário obter um explícito “consentimento” do cliente antes de proceder a um exame interno. Um consentimento nominal de um “seja gentil doutor”, não é suficiente.

As regras não são todas criadas iguais. Há regras de maior e menor importância. No meu campo de bioética, o respeito pelas pessoas é uma regra ou princípio determinante. Desse princípio básico provêm várias regras derivativas, uma das quais é a regra do “consentimento”. Da regra do “consentimento” derivam outras regras menos importantes. Por exemplo, do princípio do “consentimento” deriva a regra que dá ao paciente o direito de escolher o que deseja ter para o jejum. Essas regras secundárias são mais numerosas e flexíveis que os princípios e regras básicas. Por exemplo, o manual do professor na faculdade onde ensino tem 221 páginas. A maioria dessas páginas contem regras secundárias, isto é, diretrizes delineadas que podem ser facilmente modificadas. Re-

gras mais elevadas e básicas—como o respeito devido aos professores, e suas derivativas, como a proteção da liberdade acadêmica e seu processo—são de muito mais peso e conseqüentemente mais difíceis de serem mudadas. Quando se tem que tomar uma decisão sobre princípios éticos, a pessoa deve utilizar a lei que governa os princípios secundários. Quando há conflito entre dois princípios secundários, move-se então para os princípios de mais alto nível para se encontrar a solução.

Em minha profissão como professor, lido com quatro princípios básicos—o respeito pelas pessoas, a beneficência, o bem-estar social e a justiça. O respeito pelas pessoas, também chamado o princípio da autonomia, requer que se valorize os seres humanos em seus próprios direitos. Beneficência implica o fazer o bem a outrem. O bem-estar social é o princípio que nos motiva a procurar o bem de uma comunidade muito mais vasta, da sociedade em si. O princípio de justiça requer que se dê a cada pessoa os direitos que lhes são inalienáveis. A justiça, geralmente interpretada por igualdade entre as pessoas, é o princípio que condena males tais como o racismo e a discriminação sexual.

Ética de Autoridade. Por que será que duas pessoas igualmente educadas e inteligentes divergem tanto em certos assuntos morais? Por exemplo, por que o Vaticano e a Associação Geral vêem o assunto do “aborto voluntário” de maneira diferente? Por que dois adventistas fiéis têm uma visão totalmente oposta sobre a pena de morte? Pode haver múltiplas respostas a essas perguntas, mas todas elas estão condicionadas ao princípio da autoridade—esse critério que estabelece o que é certo ou errado, verdade ou erro—incorporado na existência de cada indivíduo.

Às vezes a ética de autoridade é levada a extremos. Quando confrontados com uma decisão, alguns cristãos abrem a Bíblia, fecham os olhos e, em atitude de oração, indiscriminadamente apontam com o dedo um texto qualquer. Aquilo que o texto disser será tomado como a resposta absoluta para o dilema. Inútil dizer

que esta é uma visão ingênua de autoridade bíblica. Um modelo mais útil e adequado da ética da autoridade é o adotado por John Wesley, que visualizou a Bíblia como o primeiro de quatro fontes de autoridade, sendo os seguintes tradição, experiência, e razão.⁵

Sou grato por ter sido criado numa atmosfera cristã e pelo papel importante que as Escrituras Sagradas desempenham em minha vida. Através da Bíblia consigo ter uma visão de quem eu sou—donde vim, para onde vou e qual é o objetivo supremo da vida. Simplificando, diria que a Bíblia, ao apontar para o Divino Autor, torna-se autoridade para existência.

Isso não implica que eu deva abdicar minha faculdade de raciocinar. Todavia, o raciocínio é apenas um instrumento técnico, e não um fim em si mesmo. Ele funciona tendo por base certos dons, certas fontes de autoridade. Os cristãos aceitam com alegria que a fé bíblica é um dom.

Ética de Situação. O quarto modelo ético na tomada de decisões enfatiza o contexto no qual a decisão deve ser feita. Como no caso da ética de autoridade, aqui também existe o uso tanto simplista como adequado do modelo. O uso simplista da "ética de situação" requer que a situação seja o único critério que determina a decisão. A escolha entre o certo e o errado depende totalmente da situação. Qualquer reação exigida pela situação torna certa, porque não existe nenhum modelo de certo ou errado além da situação particular.

Eu rejeito essa ética de situação por ser não somente simplista, mas destrutiva para a moral cristã, sendo na realidade destrutiva para qualquer sistema moral. Todavia, um princípio ético que também leva em consideração a situação não precisa ser tão simplista. O contexto particular de um dilema moral pode e deve influenciar (mas não determinar!) a decisão moral a ser tomada. Tomemos por exemplo duas histórias bíblicas: primeiramente, consideremos o Bom Samaritano. O fato de encontrar um homem agonizante na estrada de Jericó, fez—ou deveria ter feito—uma diferença na decisão de parar a

fim de ajudar o moribundo, ou manter sua palavra de chegar a tempo para um encontro de negócios em Jericó (Lucas 10:29-37). Segundo, consideremos a observação do sábado. Para Jesus, o fato de um boi ter caído numa vala faria—ou deveria fazer—uma diferença ao determinar se um crente deve apreciar o repouso normal do sábado (Lucas 14:5, 6).



Consideremos ainda uma história de nossa herança adventista. O pastor A. G. Daniells relatou um encontro que teve com um missionário escandinavo que praticava um regime vegetariano extremamente rigoroso. Do ponto de vista do pastor Daniells, o homem parecia "não ter nenhum sangue em seu corpo", porque "viviu muito exposto aos ventos do norte". O homem não estava recebendo uma dieta equilibrada, embora dissesse estar seguindo os conselhos da irmã White. Quando o pastor Daniells regressou aos Estados Unidos, discutiu o assunto com a irmã White. Sua resposta foi: "por que será que as pessoas não usam o raciocínio? Será que eles não sabem que devemos ser guiados pelo contexto geográfico no qual nos encontramos?"⁶

Conclusão

Esses quatro modelos na tomada de decisões éticas não substituem o estudo da Bíblia ou a oração. Todavia, após o estudo e a oração, estas perspectivas podem ser determinantes quando o adventista culto enfrenta importantes decisões morais.

Esses quatro modelos não se ex-

cluem mutuamente. Isto é, não se trata de escolher um ou dois e excluir os outros. Eles se complementam. Todavia, o modelo que predomina na mente de uma pessoa exerce grande influência no processo de decisão. Por exemplo, se a ética de autoridade predomina na mente de uma pessoa, sua decisão será bem diferente de uma outra em cuja mente predomina a ética de situação.

Em meu caso pessoal, a fé religiosa é a autoridade predominante (ética de autoridade). Além disso, porque minha fé é bíblica e adventista, ela é uma fé dinâmica. Em outras palavras, ela se adapta ao contexto histórico no qual se vive. Uma ilustração do dinamismo da fé bíblica é encontrada em Ezequiel 18. Antes do cativeiro, os filhos de Israel consideravam seus sofrimentos como sendo consequência direta dos pecados dos seus pais. Todavia, após o cativeiro, Deus fez saber aos israelitas que eles deveriam arcar com a responsabilidade de suas próprias vidas. A noção histórica adventista de "revelação progressiva" e "verdade presente" são importantes porque elas advogam que a fé deve ser exercida em relação com épocas e contextos concretos (ética de situação).

É a partir de minha fé na autoridade das Escrituras, assim como de minha fé vivida de comunidade (igreja) que eu descobri o que devo ser (ética de virtude) e o que devo fazer (ética de princípio). Eu não consulto o Bhagavad Gita a fim de encontrar diretrizes sobre virtudes, nem o Manifesto Comunista para encontrar princípios básicos para a vida. Ao contrário, procuro-os nas narrativas bíblicas de minha herança cristã.

Não é que eu não possa aprender de outras tradições, mas em minha confissão cristã, adoto uma atitude em relação à vida que afetará diretamente minhas decisões.

Embora seja esta a maneira pela qual esses quatro modelos atuam na minha experiência, estou ciente de que outros arranjarão os componentes de sua vida ética de uma maneira bem diferente. Não há nada errado

Continua na pág. 25

A Escolha . . .

☞ Continuação da pág. 13

nisso. Uma diversidade saudável põe em evidência a variada criação de Deus. Todavia, a despeito da crescente diversidade cultural e intelectual na comunidade adventista, a autoridade da Bíblia deve continuar a exercer um papel preponderante na tomada de decisões éticas.

NOTAS

1. Ellen G. White. *Education* (Mountain View, Calif.: Pacific Press Publishing Association, 1952), pág. 17.

2. Veja Fred Veltman. "The Desire of Ages Project: The Data", *Ministry*, vol. 62 [63 é o número correto] (Outubro 1990), págs. 4-7; e "The Desire of Ages Project: The Conclusion," *Ministry*, vol. 62 [63] (Dezembro 1990), págs. 11-15.

3. David Larson, um dos meus colegas no ramo da ética, escreveu um importante artigo sobre "como tomar decisões". Como o proverbial elefante, o assunto de "como tomar decisões" é muito vasto e complexo e pode ser abordado através de vários ângulos e direções. Tanto eu como Larson estamos, num certo sentido, examinando as diferentes partes de um mesmo animal. Veja David R. Larson "Four Ways of Making Ethical Decisions", *Spectrum*, 12:2 (Dezembro 1981), págs. 17-26.

4. A importância do amor, a virtude principal, comparada com as obras operadas por princípios, é o que 1 Coríntios 13 salienta.

5. Dennis M. Campbell. *Authority and Renewal of American Theology* (Philadelphia: United Church Press, 1976).

6. Este episódio foi retirado da Conferência Bíblica de 1919, segundo a publicação de *Spectrum*, 10:1 (Maio 1979), pág. 40.

James W. Walters (Ph.D., Claremont Graduate School) ensina Ética Cristã na Loma Linda University, onde atuou como co-fundador do Centro Bioético Cristão em 1983.